

Identidade da cidade

Ontem Brasília começou a construir coletivamente sua memória. Um pouco mais de 50 pessoas interessadas compareceram ao Memorial JK para o inicio do seminário proposto pela Fundação Nacional Pró-Memória sobre "A Construção de Brasília: Memória, Produção Cultural, Participação". Um momento, sem dúvida alguma, histórico e importantíssimo para a cidade que aos 23 anos procura a sua própria identidade.

No entanto, mais uma vez a decepção pairou no ar, o que já é uma constante na vida cultural da cidade: tanto a Fundação Cultural, quanto a Educacional estavam ausentes embora tenham recebido convites especiais. Mas por outro lado algumas surpresas marcaram o evento, como a presença de uma representante da Candangolândia e da Velhacap reivindicando o direito da presença dos candangos, "os que construiram Brasília, na história da mesma". Muito aplaudida, as palavras de Alcione foram ratificadas pelo pioneiro e jornalista Pompeu de Souza que pediu "uma história do povo e não de príncipes como tem sido até hoje".

Na abertura do seminário, o diretor do Memorial JK, coronel Heleodoro, ressaltou a importância histórica do evento lembrando que o momento é de alerta para que não se perca mais documentos, depoimentos e objetos da vida diária da cidade enquanto se passaram apenas 23 anos. E completou:

— Urgem, bem o sabemos, providências e movimentos no sentido da defesa de um enorme patrimônio, do mais alto valor histórico, que está se diluindo e perdendo-se a cada dia. São acervos como o de Fontinelli, Gondim, Goes e tantos outros que, de repente, poderão passar às mãos de pessoas outras e futuramente serem até leiloados fora do Brasil, como recentemente assistimos com objetos de valor histórico inestimável, pertencentes à Família Imperial Brasileira.

MESMO COM CHUVA

O Secretário de Cultura do MEC, Marcos Vinícius Villaça, lamentou a forte chuva de ontem, segundo ele responsável pelo esvaziamento da abertura do seminário, e disse esperar que os participantes não realizem apenas um trabalho de exercício retórico e frasístico, "mas uma maneira de orientar o comportamento do brasiliense". Ele classificou a população entre proprietários da cidade e inquilinos, ou aqueles que seguem o ciclo administrativo do país, "ambos com depoimentos importantes para a memória de Brasília".

Villaça salientou que por enquanto "somos poucos e fracos, mas devemos ser criativos e audaciosos com espírito cervantista na realização desse trabalho". Afirmou que a razão para a presença da Secretaria de Cultura como aliada é agregar os esforços visando à cooperação na preservação da memória da capital.

PLENÁRIA

Perdida no ponto de partida para as discussões e propostas de metodologia de trabalho, a primeira plenária do seminário começou com uma crítica do Diretor do Instituto Histórico e Geográfico do DF. Ele afirmou que a proposta apresentada pela Fundação Nacional Pró-Memória era tão ampla que caía no vazio, sem que ninguém conseguisse captar nada. Clara Alvim, coordenadora do programa, explicou

que a intensão é evitar o paternalismo e incentivar a comunidade a participar da construção de sua memória. "Não queremos impor nada — disse ela — mas construir juntos".

Depois de um longo silêncio e algumas propostas isoladas, os ânimos começaram a esquentar e alguns pontos foram surgindo com a discussão. Entre eles, Planaltina foi lembrada como a origem da cidade, uma peça indispensável para o quebra-cabeças. Afinal de contas, a cidade cedeu o seu quintal para a implantação de uma nova capital em detrimento da sua própria autonomia e com isso a sua identidade.

Uma outra proposta que mereceu aplausos foi de Alcione Costa, representante da Associação Candangolândia e Velhacap, que ao reivindicar o direito da presença dos candangos na história da cidade, afirmou que os moradores das vilas vão se manter em constantes reuniões noturnas visando registrar informações para o seminário. "Queremos o direito de dizer que nós construímos essa cidade, e portanto também fizemos a história", disse.

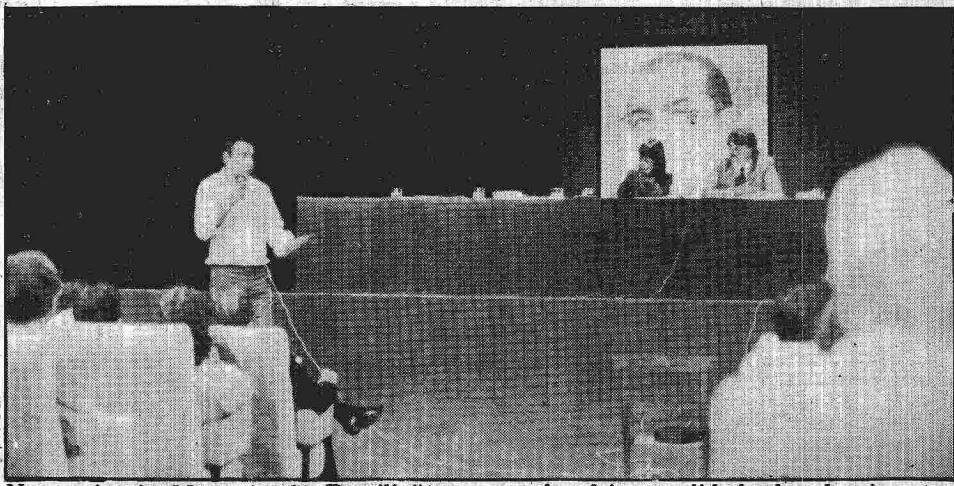
A intervenção foi animadora, capaz inclusive de tirar o jornalista Pompeu de Souza de mero ouvinte, como se propunha no início. Ele começou seu discurso empolgante afirmando que a história é do povo e não dos príncipes, "por isso, esse momento é importante. Aproveitando a presença dos candangos devemos criar a história fazendo um auto-critica da memória desses pais, que é ausente nesse sentido".

Resumidamente Pompeu prestou o seu depoimento lembrando "aquela Universidade de Brasília, cuja proposta englobava o campus e a comunidade numa só vivência". Lembrou as atividades de extensão cultural da universidade que gerou, através do Curso de Cinema, o Festival "tão desfigurado nos dias de hoje". Ele sugeriu um convênio entre a FNPB e a Fundação Roberto Marinho para o recolhimento de objetos e documentos sobre Brasília visando à construção de um acervo completo.

Aliás os depoimentos foram vários e importantes. Houve representantes educacionais e principalmente culturais. Neio Lúcio, secretário da Galeria Cabeças, explicou que através de seu trabalho percebeu a carência cultural na cidade. Armando Lacerda, representando a Associação Brasileira de Documentaristas, criticou a FCDF, "que acredita ser o cinema uma atividade leviana", e afirmou que a ABD tem um grande acervo da capital em vários documentários da cidade e região geoeconômica. Uma representante da Codeplan ofereceu material cartográfico para que esse seminários saibam colocá-los em lugar adequado para uso da população.

PROGRAMAÇÃO DE HOJE

Hoje, a partir das 9 horas, todos os participantes estarão reunidos no Hotel Aracóara para o inicio efetivo dos trabalhos. Quem quiser participar pode levar a sua colaboração, embora as inscrições tenham se encerrado. No Memorial JK um computador ficará à disposição daqueles que queiram dar seus depoimentos sobre a cidade. Ele visa, basicamente, recolher todas as informações possíveis sobre memória de Brasília. (Cecília Maria)



No seminário "Memória de Brasília" o que valeu foi a qualidade dos depoimentos